O café na corda bamba: fundamentos que derrubam e seguram os preços!

Entre forças que derrubam e forças que seguram as cotações, o café atravessou o 3º trimestre de 2026 em delicado equilíbrio. A perspectiva de safra recorde no Brasil e no mundo, apontada pelo USDA e reforçada pelas revisões da StoneX e da Conab, somou-se às exportações brasileiras em níveis históricos, à iminente oferta do Vietnã, da América Central e da África, à redução das posições compradas dos fundos, levando o Arábica em Nova Iorque da máxima de 341,65 cents/lb, em agosto, para perto de 270,00 cents/lb em setembro. O dólar mais forte no exterior, após a primeira alta de juros nos EUA desde 2023, e as floradas favoráveis para 2027 também contribuíram para esse movimento. Por outro lado, mesmo com a safra recorde, os estoques certificados seguem em níveis baixos, e os estoques globais de passagem devem continuar apertados ao final do ciclo 2026/27, equivalentes a menos de dois meses de consumo. Soma-se a isso o El Niño, que, com chances elevadas de atingir intensidade histórica, mantém o clima como uma ameaça constante à oferta futura, como demonstrou a recuperação dos preços provocada por apenas cinco dias de calor e estiagem no fim de setembro. Completam o quadro a perspectiva de valorização dos diferenciais dos cafés finos para o 1º semestre/2027 e a volatilidade do câmbio, influenciada pelo corte da Selic e pelo cenário eleitoral. Este boletim de mercado detalha cada um desses fatores, apresenta a análise técnica das cotações e, ao final, propõe ao cafeicultor uma estratégia de comercialização para atravessar esse cenário com segurança, sem abrir mão das oportunidades.

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – jan. a out. de 2026)



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 08/10/2026

Análise Técnica: Após um ano de forte volatilidade, o Café Contrato C (ICE Futures US) se encontra em fase de consolidação desde julho, com mínimas e máximas cada vez mais próximas: a mínima de setembro (270,00 cents/lb) ficou acima da de junho (240,00 cents/lb), enquanto a máxima de agosto (343,00 cents/lb) não superou a de julho (355,00 cents/lb). No início de outubro, os preços se recuperaram até cerca de 305,00 cents/lb, mas recuaram nos últimos pregões para a região de 290,00 cents/lb. Nas Bandas de Bollinger, os preços testaram a banda superior, que

atua como resistência na faixa de 300,00 a 305,00 cents/lb, mas não conseguiram rompê-la e recuam em direção à média central situada em 285,00 cents/lb, sendo este o principal suporte no momento. A perda desse suporte pode abrir espaço para um retorno à banda inferior, próximo de 270,00 cents/lb, onde se encontra o suporte seguinte. O IFR, que chegou perto da sobrevenda no fim de setembro (34), subiu até 60 e voltou para cerca de 47, indicando um mercado neutro e com perda de força compradora. A linha MACD mantém o cruzamento de alta (força compradora) ocorrido no fim de setembro, mas segue abaixo da linha zero e com histograma encolhendo e apontando para possibilidade de baixa (força vendedora), o que exige confirmação. De um modo geral, os indicadores apontam indefinição no curto prazo, com leve viés positivo: um fechamento acima de 305,00 cents/lb, com o MACD cruzando o zero, abriria espaço para 310,00 e, posteriormente, 320,00 cents/lb, enquanto a perda de 285,00 cents/lb pode levar os preços de volta a 270,00 cents/lb e, em caso de rompimento, pode buscar o intervalo de 240,00 a 250,00 cents/lb. Somado a esta análise, é importante considerar os outros fatores, principalmente, os fundamentais, em que a maior oferta do Brasil e do Vietnã, hoje pesa mais para o lado vendedor, embora uma adversidade climática possa reverter essa lógica.

Fechamentos - 3º trimestre de 2026

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA 3º TRIMESTRE
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$1.580,00	R$2.050,00	R$1.750,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$1.480,00	R$1.950,00	R$1.650,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$930,00	R$1.350,00	R$1.100,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R$/sc)	R$890,00	R$1.060,00	R$940,00
Bolsa NY - ICE US - Arábica (cents/lb)*	272,30	341,65	290,70
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	3.260,00	4.007,00	3.445,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R$	R$ 5,0638	R$ 5,2236	R$ 5,1809

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Futures Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: dezembro/2026 **Contrato/Vencimento: novembro/2026

FATORES DE SUSTENTAÇÃO (ALTA)

No 3º trimestre de 2026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu sua máxima intradiária na última semana de agosto, ao ser negociado a 345,65 cents/lb (KCZ6 – dezembro/2026). Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon) atingiu sua máxima intradiária logo no início do trimestre ao ser negociado a USD 4.082,00/ton (RCX6 – novembro/2026). Nos meses de julho e agosto, enquanto os Canephoras apresentaram leve viés baixista, os Arábicas apresentaram viés de alta, sustentado principalmente pelos baixos níveis de estoques e pelos atrasos na colheita brasileira em razão do clima mais úmido.

No mês de julho, o USDA publicou seu relatório semestral *Coffee: World Markets and Trade* (relatório de mercados e negócios mundiais), com dados preliminares de oferta e demanda global para o ciclo 2026/27. Em síntese, os principais pontos do relatório do USDA foram (ciclo 2026/27

vs. ciclo 2025/26):

- Produção: 189,667 milhões de scs (2026/27), contra 178,830 milhões de scs (2025/26);
- Consumo: 179,736 milhões de scs (2026/27), contra 173,459 milhões de scs (2025/26);
- Estoques finais: 26,283 milhões de scs (2026/27), contra 24,370 milhões de scs (2025/26);
- Estoque percentual frente ao consumo: 14,62% ciclo (2026/27), contra 14,05% ciclo (2025/26).

Apesar do superávit apontado no relatório, as informações relacionadas aos estoques globais ao final do ciclo deixam um alerta: a safra recorde, não apenas no Brasil, mas em âmbito global, não será suficiente para recompor os estoques a níveis menos preocupantes. Embora o USDA aponte incremento para o ciclo 2026/27, que culminará em um novo recorde de produção global de 189,667 milhões de sacas, há também uma previsão de recorde para o consumo que deve girar em torno de 179,736 milhões de sacas. Mesmo que o incremento no consumo global não seja tão expressivo quanto na produção, quando associado às importações globais, estimadas em 150,856 milhões de sacas, e às exportações, estimadas em 158,874 milhões de sacas, acaba resultando em estoques finais estimados em 26,283 milhões de sacas ao final do ciclo 2026/27, correspondentes a 14,62% do consumo mundial, patamar crítico que não sustenta sequer dois meses de demanda. Com uma margem tão estreita, qualquer sinal de adversidade climática ganha peso nos preços. O episódio do final de setembro ilustra bem isso: cinco dias de calor e estiagem em importantes regiões produtoras foram o gatilho que estancou a queda livre do mês e desencadeou uma recuperação nas cotações.

Apesar do enfraquecimento dos diferenciais no último mês, movimento natural diante da chegada da safra brasileira ao mercado (conforme detalhado adiante em “Fatores de pressão”), a tendência para os cafés mais finos é de valorização desses diferenciais ao longo do 1º semestre/2027. As bases já negociadas atualmente (08/outubro) confirmam esse cenário: o Fine Cup, tipo 2/3, pen. 17/18, negociado hoje a -1,00 cents/lb, gira em torno de +5,00 cents/lb para embarque no 1º semestre/2027. Já o Fine Cup, tipo 2/3, MTGB (pen. 14/16), atualmente a -14,00 cents/lb, está em torno de -9,00 cents/lb para o mesmo período. Para os cafés de qualidade inferior, por outro lado, os diferenciais para embarque no 1º semestre/2027 seguem em níveis semelhantes aos atuais.

Outro importante indicador que atrai atenção e reforça a leitura de abastecimento apertado são os estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque que, no decorrer do 3º trimestre de 2026, vinham em declínio acentuado, apesar de terem encerrado setembro com leve recuperação: 377,465 mil sacas ao final de junho, 264,179 mil sacas ao final de julho/26, 223,976 mil sacas ao final de agosto/26 e 260,654 mil sacas ao final de setembro/26. Para se ter melhor noção, há um ano, os estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque giravam em torno de 570 mil sacas e, ainda assim, eram considerados extremamente críticos. Esse cenário deixa o mercado mais exposto, instável e propenso a oscilações bruscas, levando os players a responderem de forma mais acentuada a qualquer ameaça ao suprimento global de café.

A consolidação do El Niño segue mantendo a preocupação do mercado com o clima, diante do risco de anomalias em diversas origens produtoras, com ameaças em sentidos opostos: excesso de chuvas em algumas regiões e seca em outras. No Brasil, em importantes regiões produtoras, um dos reflexos do fenômeno foi a umidade atípica em plena colheita, que transformou o entusiasmo do mercado com a safra recorde em apreensão, já que boa parte do café, sobretudo o Arábica, demorou a chegar ao mercado. Na cafeicultura, costuma-se dizer que a chuva favorece a produtividade, mas prejudica a qualidade dos grãos. Neste ano, porém, esse conhecido

paradoxo deu lugar a outra lógica: perdas tanto em qualidade quanto em quantidade. Em algumas regiões, as chuvas provocaram a queda de um volume significativo de café. Os grãos que permaneceram no chão, expostos à umidade, além de perderem qualidade, tornaram-se mais difíceis de recolher: parte deles germinou e outra parte penetrou em camadas mais profundas do solo, sem possibilidade de recuperação. Para completar o quadro, houve aumento na incidência de doenças nas lavouras de várias regiões, com destaque para a ferrugem e a phoma. Ainda que nunca haja certezas quanto ao clima, a consolidação do El Niño intensifica o receio no mercado. A NOAA (Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos) atualizou nesta semana suas projeções e manteve elevadas as chances de um evento de intensidade histórica, mais forte que todos os registrados desde 1950, quando o órgão passou a monitorar o El Niño. A probabilidade é de 54% para o trimestre de setembro a novembro, 83% para outubro a dezembro e 70% para novembro a janeiro. Um fenômeno dessa magnitude aumenta a possibilidade de impactos típicos do El Niño, embora não os torne certos.

Embora o ambiente atual seja favorável a uma boa safra em 2027, as expectativas refletem apenas o comportamento do clima até agora, e ainda é cedo para garantir um bom resultado, sobretudo em um ano de El Niño. As floradas não terminaram e, daqui até a colheita, as lavouras ainda dependerão de chuvas regulares para assegurar o pegamento das floradas e o adequado desenvolvimento e enchimento dos grãos. Como posto, o El Niño, que vem caminhando para se tornar de forte intensidade, tende a deixar o clima mais instável e imprevisível do que o habitual, elevando o risco de veranicos, de chuvas irregulares e de temperaturas acima da média. A possibilidade de adversidades como essas deve manter o mercado volátil e pode fazer o cenário passar de positivo a negativo de um mês para o outro. De acordo com a Rural Clima, apesar dos bons volumes de chuvas registrados no mês de setembro e das boas expectativas para outubro (com exceção da Bahia), o mês de novembro tende a apresentar um clima mais seco e com temperaturas mais elevadas, o que deve manter a cautela do mercado.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No 3º trimestre de 2026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), do fim de agosto até a maior parte de setembro, o café Arábica foi pressionado principalmente pelo recorde de exportações de agosto e pelas boas condições climáticas para a safra 2027/28, chegando à mínima no dia 23 de setembro, quando foi negociado abaixo de 270,00 cents/lb, antes de interromper o movimento de queda. Na ICE Futures Europe, café Canephora (robusta/conilon) também testou suas mínimas no mesmo dia, a USD 3.218,00/ton.

Como exposto acima, em julho, o USDA publicou seu relatório de mercados e negócios mundiais, com dados preliminares que apontam para uma safra recorde, não somente no Brasil, mas em nível global. É difícil imaginar uma safra recorde sem derrubar os preços, embora no mercado de café tudo seja possível. Os dados do USDA estimam um acréscimo de 10,837 milhões de sacas para o ciclo 2026/27, o que resulta em uma produção global de 189,667 milhões de sacas e gera um superávit de 9,931 milhões de sacas no balanço global. Enquanto os Canephoras registram um leve recuo de 590 mil sacas, passando de 84,390 milhões de sacas no ciclo 2025/26 para 83,800 milhões em 2026/27, os Arábicas apresentam um avanço de 11,427 milhões de sacas, saltando de 94,440 milhões para 105,867 milhões no mesmo período. Dos dez maiores produtores, que somam cerca de 90% da oferta global, apenas Indonésia (-990 mil sacas) e Índia (-290 mil) produzirão menos que no ciclo anterior. Já os demais apresentam incremento com o Brasil liderando com folga, com acréscimo de 8,9 milhões de sacas, seguido por Colômbia (+900

mil), Vietnã (+800 mil), Etiópia (+540 mil) e Honduras (+500 mil), além de ganhos mais modestos em Uganda (+65 mil), México (+55 mil) e Peru (+16 mil).

Com relação à safra brasileira 2026/27, apesar da expectativa de revisão pra baixo em função das chuvas que impossibilitaram o levantamento de todo o café de varreção em importantes regiões de Arábica, no mês de setembro, a StoneX e a Conab revisaram suas estimativas positivamente. A StoneX, em sua 2ª revisão para a safra, reavaliou para cima sua estimativa para a safra brasileira de café após a análise dos dados da colheita, que indicaram rendimentos superiores aos projetados. Considerando Arábica e Canephora, a produção total foi elevada de 75,3 para 77,2 milhões de sacas (+2,5%), o que representa um aumento de 23,9% em relação aos 62,3 milhões de sacas estimados para 2025/26. No Arábica, a maior densidade dos grãos compensou o tamanho abaixo do potencial em algumas regiões e elevou o rendimento no beneficiamento, levando a estimativa de 50,2 para 51,8 milhões de sacas (+3,2%). Os maiores ajustes ocorreram no Cerrado Mineiro (+7,4%), Espírito Santo (+4,7%) e Matas de Minas (+4,1%), enquanto o Sul de Minas, principal região produtora, teve alta de apenas 0,6%, para 18,1 milhões de sacas. Para os Canephoras (robusta/conilon), a projeção passou de 25,1 para 25,4 milhões de sacas (+1,2%), com o Espírito Santo, principal estado produtor da espécie, avançando de 16,9 para 17,2 milhões, embora o total ainda fique 1,6% abaixo do registrado em 2025/26. De modo similar, a Conab, que em maio, no 2º levantamento da safra de café 2026, havia estimado a produção brasileira em 66,701 milhões de sacas, elevou a projeção para 67,606 milhões no 3º levantamento, divulgado em setembro. Para o Arábica, a estimativa passou de 45,773 milhões para 48,213 milhões de sacas. Já para os Canephoras, houve revisão para baixo, de 20,928 milhões para 19,393 milhões de sacas.

Ainda no contexto da safra brasileira, se no período de colheita da safra 2026/27, o clima chuvoso serviu de gatilho para recuperação das cotações, agora as mesmas chuvas favorecem as floradas da safra 2027/28 e pressionam os preços. As cotações do café recuaram nos últimos dias, pressionadas pelos sinais favoráveis da florada brasileira e pelas chuvas abundantes no Vietnã. No Brasil, a boa umidade do solo estimulou as floradas iniciais da safra 2027, favoreceu o pegamento inicial e abriu caminho para novas florações, alimentando expectativas iniciais positivas quanto ao potencial produtivo do próximo ano. Com isso, o mercado passou a embutir um prêmio de risco climático menor, embora a perspectiva de permanência do El Niño até o início de 2027 ainda justifique a cautela dos participantes. As percepções preliminares para a safra 2027 indicam um cenário otimista para a safra brasileira. De um modo geral, o clima favorável e a expansão da área cultivada sustentam as expectativas iniciais para a safra 2027. Nos Canephoras, essa combinação deve permitir a recuperação dos bons índices produtivos depois da retração do ciclo atual, com chances de a produção retornar aos volumes de 2025. Nos Arábicas, o quadro também segue favorável e, até agora, não aponta para perdas volumosas. Ainda que algumas regiões trabalhem com expectativa de produção menor que a do ciclo vigente, outras podem apresentar incremento, tal como nas Matas de Minas, onde a renovação dos cafezais e as novas áreas em produção reforçam a perspectiva de boa produção. Ainda assim, como exposto em “Fatores de Sustentação”, é cedo para garantir esse resultado em um ano de El Niño, e a cautela deve seguir predominando.

De nada valem estimativas de safra recorde se o café não chega ao mercado conforme expectativa dos players. Nesse sentido, entre os principais responsáveis pelo viés baixista do mês de setembro está a recente melhora na fluidez do abastecimento global, impulsionada pelo aumento no ritmo das exportações brasileiras. Até pouco tempo atrás, os embarques do Brasil

seguiam lentos devido ao excesso de chuvas durante o período de colheita, o que, além de prejudicar a qualidade do café, atrasou a chegada da safra ao mercado. Porém, no mês de julho, o primeiro mês do ciclo 2026/27, foi possível verificar uma leve evolução, com o Brasil embarcando 3,03 milhões de sacas, o que representa um acréscimo de 9,9% em comparação com o mesmo mês do ano passado. No mês de agosto, foi possível observar um novo recorde. De acordo com o Cecafé, as exportações brasileiras de café registraram seu melhor desempenho na história para os meses de agosto, ao embarcar 4,155 milhões de sacas, o que representa um volume 31% superior ao aferido no mesmo período em 2025. "*Esse desempenho foi puxado pela maior disponibilidade de cafés Arábicas desta safra, que chegaram ao mercado após atrasos na colheita ocasionados por chuvas, e, principalmente, pelos* Robustas/Conilons*, que tiveram sua melhor performance exportadora para meses de agosto, enaltecendo a evolução da qualidade dos cafés* Canephoras *brasileiros, que passam a ganhar mais espaço no mercado global*", explica o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira. O Arábica embarcou 2,866 milhões de sacas (+25,7% sobre agosto de 2025), e o Canephora, 953,592 mil sacas (+53,6%). No acumulado do primeiro bimestre do ano-safra 2026/27, os embarques de todos os tipos de café, inclusive de solúvel e torrado e moído, totalizam 7,204 milhões de sacas, crescimento de 21,5% em relação ao mesmo período do ciclo anterior. O ritmo forte dos embarques se manteve em setembro. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), com a maior disponibilidade de café proveniente de uma safra projetada como recorde, o Brasil exportou 3,93 milhões de sacas de café verde no mês, um crescimento de 20,4% na comparação com o mesmo período de 2025.

No cenário internacional, as exportações mundiais de café também vêm crescendo, impulsionadas principalmente pelos embarques brasileiros, segundo os relatórios mensais da Organização Internacional do Café (OIC). Em julho, os embarques somaram 12,23 milhões de sacas, alta de 3,29% em relação aos 11,84 milhões de sacas de julho de 2025. Em agosto, o avanço foi mais expressivo: 12,58 milhões de sacas exportadas, 14,89% acima dos 10,95 milhões registrados no mesmo mês do ano anterior. A expectativa é de que o fluxo global de exportações continue crescendo, diante da iminente entrada de cafés de importantes origens que iniciam a colheita em outubro, como o Vietnã e países da América do Sul, da América Central e da África.

Aliado ao fator acima, após o declínio nos meses anteriores, é possível notar um tímido incremento nos estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque ao final do mês de setembro, com expectativa de que nos próximos meses sigam aumentando devido à elevação da oferta. Ademais, segundo a Reuters, há relatos de que algumas tradings estão planejando entregar algo em torno de 350 mil sacas cada uma aos estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque, com alguns operadores indicando que parte do café embarcado pelo Brasil no mês de setembro teria como destino os estoques da Bolsa, com alguns lotes aguardando classificação. Até a data de hoje, há cerca de 73 mil sacas de café brasileiro certificado e 73 mil aguardando classificação para certificação em armazéns de Antuérpia (Bélgica) da Bolsa de Nova Iorque. Ressalta-se que, sob a ótica comercial, o café de origem Brasil possui um deságio de 6,00 cents/lb que, somado ao deságio de -1,25 cents/lb para entrega em Antuérpia, gera um desconto de -7,25 cents/lb sobre esses cafés enquanto importadores vêm pagando para o mesmo padrão atualmente um diferencial de aproximadamente -4,00 cents/lb para entrega FOB no porto de Santos. Certamente, a elevação desses estoques no decorrer do último trimestre deste ano deve pressionar os preços.

Com a entrada de maior volume da safra brasileira no mercado, já se observa um enfraquecimento dos diferenciais para o disponível. No FOB Santos, o Fine Cup, tipo 2/3, pen. 17/18, que há um mês era negociado a +5,00 cents/lb, hoje (08/outubro) gira em torno de -1,00

cents/lb. O Good Cup, tipo 3/4, pen. 17/18, passou de -10,00 cents/lb para cerca de -17,00 cents/lb, e o Good Cup, grinders (pen. 12 acima) recuou de -70,00 cents/lb para aproximadamente -77,00 cents/lb. No caso dos Robustas/Conilons, os diferenciais de base praticamente não se alteraram ao longo do último mês. Esse quadro, no entanto, pode mudar em breve. Os olhos dos operadores já começam a se voltar para o Vietnã, onde a colheita tem início em outubro e deve ampliar, em breve, o volume disponível aos compradores. Com esse aumento da oferta, a tendência é de menor aperto no abastecimento global de Canephoras e, consequentemente, de maior pressão sobre o basis dessa espécie.

A leitura do mercado de que a oferta global de café está mais regular e de que o aperto no abastecimento começa a se dissipar tem se refletido no posicionamento dos agentes financeiros. Conforme o *Commitments of Traders*, da CFTC (Comissão de Negociação de Contratos Futuros de Commodities), a posição líquida comprada dos fundos de investimento, que ultrapassou 30 mil contratos futuros em agosto, caiu para 13.492 contratos no fim de setembro. A desmontagem dessas posições aponta para a retirada de parte do sobrepreço especulativo que havia ajudado a impulsionar as cotações durante agosto.

No cenário internacional, o destaque foi a decisão do Federal Reserve (Fed), banco central dos Estados Unidos, de subir os juros americanos para a faixa de 3,75% a 4,00% ao ano, o primeiro aumento desde 2023. A justificativa, nas palavras do presidente da instituição, Kevin Warsh, é uma inflação que se mantém “alta demais, por tempo demais”, cenário agravado pela alta do petróleo, pelos conflitos no Oriente Médio e pelo vigor da atividade econômica nos EUA. Esse movimento, que estreita a vantagem dos juros brasileiros sobre os juros norte-americanos, leva investidores do mundo inteiro a tirar dinheiro de outros mercados, tal como o Brasil, para comprar títulos públicos americanos, que estão pagando retornos elevados com risco baixíssimo. O resultado é um dólar mais forte no mundo todo, o que costuma pesar sobre as commodities negociadas em Nova Iorque: cotadas em dólar, elas encarecem para importadores de outras moedas, o que reduz a demanda e pressiona os preços. No caso do Brasil, porém, esse efeito foi parcialmente neutralizado pelo cenário doméstico: o otimismo gerado pelo resultado do primeiro turno reduziu a percepção de risco sobre o país e atraiu recursos, o que ajuda a explicar por que o dólar se mantém próximo de R$ 5,00 mesmo diante da alta dos juros americanos.

No cenário doméstico, fatores econômicos e políticos ampliaram a volatilidade do dólar frente ao real. Do lado econômico, o Copom (Comitê de Política Monetária) reduziu a taxa Selic de 14,00% para 13,75% ao ano, movimento que reduz o diferencial de juros em relação a outras economias e torna o país menos atrativo ao capital estrangeiro, favorecendo a valorização do dólar frente ao real. Somam-se a isso as incertezas em torno da trajetória das contas públicas e do cumprimento das metas fiscais, que seguem no radar dos investidores. Porém, como exposto logo acima, no campo político, o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais provocou uma forte queda do dólar, que recuou mais de 4% e voltou a encerrar o dia abaixo de R$ 5,00. O movimento foi impulsionado principalmente pelo desempenho de Flávio Bolsonaro (PL), que terminou a disputa na liderança, com 47,03% dos votos válidos, à frente do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 45,16%. Como o desfecho das urnas divergiu da média das pesquisas divulgadas nas semanas anteriores, o mercado financeiro reagiu com uma onda de otimismo, apoiada na expectativa de maior disciplina fiscal e na consequente redução do prêmio de risco atribuído ao país. Nesse ambiente, o dólar oscilou entre R$ 4,97 e R$ 5,22 desde o início de setembro. A máxima do período refletiu o corte na taxa de juros, enquanto a mínima foi registrada após o resultado do primeiro turno das eleições. Nesta 5ª feira (08/outubro), a moeda americana opera

próxima de R$ 5,00, influenciada pelas pesquisas de intenção de voto para o segundo turno, que, segundo o Agregador de Pesquisas da BBC News Brasil, mostram Flávio Bolsonaro (PL) com vantagem de 3 pontos percentuais sobre Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Para o mercado de café, esse comportamento do câmbio é relevante: a desvalorização do dólar reduz a atratividade dos preços em reais e tende a desacelerar as vendas, ao passo que sua valorização costuma estimular a comercialização.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

"O aumento da oferta, impulsionado pelo ritmo mais forte das exportações brasileiras e pela chegada da nova safra de outras origens relevantes, como Vietnã, América Central e África, segue como o principal fator de pressão sobre os preços. Ainda assim, os estoques reduzidos e o risco climático associado a um El Niño cada vez mais intenso devem manter o mercado volátil, pois, como demonstrado ao longo deste boletim, mesmo com a safra recorde os estoques de passagem continuarão curtos, e qualquer adversidade climática pode levar os agentes a embutir novamente um prêmio de risco pelo abastecimento. Volatilidade sempre traz oportunidades, a questão é: como aproveitá-las na prática? O ponto de partida é conhecer o custo de produção e as necessidades de caixa até a próxima colheita, evitando vendas às pressas em dias de queda. A partir daí, recomenda-se organizar a comercialização em duas frentes simples. A primeira é a venda escalonada, guiada por níveis técnicos e por gatilhos definidos com antecedência: uma parcela de 30% a 40% do café restante pode ser negociada no curto prazo, aproveitando os repiques próximos às resistências de 300,00 a 305,00 cents/lb, já que exportações recordes, a safra vietnamita, o aumento dos estoques certificados e a saída dos fundos podem levar os preços a 270,00 cents/lb ou menos. Outra parcela, de 30% a 40%, pode ser vendida por metas de preço escalonadas, como R$ 1.700,00, R$ 1.800,00 e R$ 1.900,00 para um café tipo 6/7, bebida dura, capturando eventuais altas rápidas provocadas por sustos climáticos; e os 20% a 30% restantes podem ser mantidos como reserva para captura de altas mais intensas, desde que haja uma regra de saída caso Nova Iorque rompa os 270,00 cents/lb e a safra 2027 se confirme boa. A segunda frente é a segmentação por qualidade: os lotes de bebida inferior, cujos diferenciais vêm se deteriorando rapidamente, devem ser vendidos primeiro, enquanto os cafés finos, com bases em tendência de valorização, são mais indicados para a reserva ou para a venda a termo com entrega no 1º semestre/2027, que hoje permite capturar até R$ 40,00 por saca a mais. Por fim, acompanhar os fundamentos, a situação das lavouras, as cotações nas bolsas, o câmbio, definir metas em reais por saca e revisar a estratégia mensalmente são atitudes fundamentais: disciplina e vendas fracionadas protegem o resultado sem abrir mão das oportunidades trazidas pela volatilidade. Ótimos negócios a todos!"

Varginha, 8 de outubro de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé